

Percepção dos profissionais da Saúde de um hospital universitário acerca das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde

Health professionals' perception of a university hospital of Integrative and Complementary Practices in Health

Percepción de los profesionales de la salud sobre un hospital universitario de Prácticas Integrativas y Complementarias en Salud

Recebido: 24/01/2022 | Revisado: 01/02/2022 | Aceito: 06/02/2022 | Publicado: 12/02/2022

Rafael Nascimento Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0384-9053>

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

E-mail: rafaelfono7@gmail.com

Thaiane Santana Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2207-8055>

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

E-mail: thaianesantana08@gmail.com

Caroline Ariadne Lima Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8039-000X>

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

E-mail: carolineariadne198@gmail.com

Arthur de Almeida Medeiros

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2192-8823>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

E-mail: aamedeiros.ufms@gmail.com

Amanda Silva Chagas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1120-4829>

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

E-mail: amandachagas041998@gmail.com

Maria do Socorro Claudino Barreiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9823-4638>

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

E-mail: socorrobarreiro@gmail.com

Luciana Pereira Lobato

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3364-7831>

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

E-mail: luciana.lobato@academico.ufs.br

Andreia Freire de Menezes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2972-8236>

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

E-mail: deiamenezes1@hotmail.com

Carla Kalline Alves Cartaxo Freitas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7604-9132>

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

E-mail: carlakalline@academico.ufs.br

Resumo

Introdução: A lacuna no conhecimento dos profissionais com relação às Práticas Integrativas e Complementares é um dos fatores que dificultam a implantação dessas nos serviços de saúde, sendo relevante a oferta de capacitações para mudanças nesse cenário. **Objetivo:** Descrever a percepção dos profissionais de saúde de um Hospital Universitário sobre o uso das práticas integrativas e complementares em saúde. **Método:** Estudo observacional e descritivo, com abordagem quantitativa e recorte transversal, desenvolvido com 109 profissionais. A coleta de dados ocorreu entre novembro de 2020 e julho de 2021, através de um questionário autoaplicável com questões sobre a caracterização e percepção dos profissionais sobre as PICS. **Resultados:** Houve predominância de profissionais de enfermagem, entre 30 e 39 anos, de cor parda, sexo masculino, solteiros, católicos e de zona urbana. Percebe-se uma percepção positiva em relação às práticas, pois os profissionais concordam, indicam e têm interesse em realizar capacitação, porém, observa-se fragilidade em seu conhecimento e familiaridade com essas, visto que muitos desconhecem a PNPIC ou nunca recomendaram alguma prática aos pacientes. **Conclusão:** Identificou-se uma percepção positiva dos profissionais de saúde em relação às PICS e o interesse em conhecê-las, concomitante ao pouco conhecimento sobre a regulamentação dessas práticas e pouco uso profissional. Assim, faz-se necessária a adoção de condutas educativas e permanentes com

esses profissionais para promover proximidade com o tema, visto que este é um fator importante para a implantação das PICS nos serviços de saúde.

Palavras-chave: Práticas Integrativas e Complementares; Profissionais de Saúde; Atenção à Saúde; Educação em Saúde.

Abstract

Introduction: The gap in the knowledge of professionals in relation to Integrative and Complementary Practices is one of the factors that make it difficult to implement these in health services, and the provision of training for changes in this scenario is relevant. **Objective:** To describe the perception of health professionals at a University Hospital on the use of integrative and complementary health practices. **Method:** Observational and descriptive study, with a quantitative approach and cross-sectional approach, developed with 109 professionals. Data collection took place between November 2020 and July 2021, through a self-administered questionnaire with questions about the characterization and perception of professionals about PICS. **Results:** There was a predominance of nursing professionals, between 30 and 39 years old, of mixed race, male, single, Catholic and from urban areas. There is a positive perception in relation to the practices, as the professionals agree with them, indicate and are interested in carrying out training, however, there is a weakness in their knowledge and familiarity with them, since many are unaware of the PNPIC or have never recommended any practice to them. **Conclusion:** It was identified a positive perception of health professionals in relation to PICS and interest in knowing them, concomitant with little knowledge about the regulation of these practices and little professional use. Thus, it is necessary to adopt educational and permanent conducts with these professionals to promote proximity to the theme, since this is an important factor for the implementation of PICS in health services.

Keywords: Integrative and Complementary Practices; Health professionals; Health Care; Health education.

Resumen

Introducción: El vacío en el conocimiento de los profesionales en relación a las Prácticas Integrativas y Complementarias es uno de los factores que dificultan su implementación en los servicios de salud, siendo relevante la provisión de formación para los cambios en este escenario. **Objetivo:** Describir la percepción de los profesionales de salud de un Hospital Universitario sobre el uso de prácticas de salud integradoras y complementarias. **Método:** Estudio observacional y descriptivo, con abordaje cuantitativo y transversal, desarrollado con 109 profesionales. La recolección de datos ocurrió entre noviembre de 2020 y julio de 2021, a través de un cuestionario autoadministrado con preguntas sobre la caracterización y percepción de los profesionales sobre el PICS. **Resultados:** Predominaron los profesionales de enfermería, entre 30 y 39 años, mestizos, del sexo masculino, solteros, católicos y de área urbana. Existe una percepción positiva en relación a las prácticas, ya que los profesionales están de acuerdo, indican y están interesados en realizar capacitaciones, sin embargo, existe una debilidad en su conocimiento y familiaridad con estas, ya que muchos desconocen el PNPIC o nunca han recomendado cualquier práctica a los pacientes. **Conclusión:** Se identificó una percepción positiva de los profesionales de la salud en relación a las PICS y el interés por conocerlas, concomitante con poco conocimiento sobre la regulación de estas prácticas y poco uso profesional. Por lo tanto, es necesario adoptar conductas educativas y permanentes con estos profesionales para promover la proximidad con el tema, ya que este es un factor importante para la implementación del PICS en los servicios de salud.

Palabras clave: Prácticas Integrativas y Complementarias; Profesionales de la salud; Cuidado de la salud; Educación para la salud.

1. Introdução

As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) são identificadas como ferramentas de cuidado que possibilitam que os mecanismos naturais do corpo funcionem para a prevenção de comorbidades por meio de tecnologia simples, com foco no cuidado holístico e na interligação entre o ser humano e o ambiente (Brasil, 2006).

O movimento para inserção das PICS no Brasil teve início após o impulso dado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) através do Programa de Medicina Tradicional que tinha como objetivo fortalecer a formulação de políticas na área, em 1970. Assim, com a crescente participação popular no Brasil e construção do Sistema Único de Saúde (SUS) na década de 80, inicia-se o processo de legitimação e institucionalização das PICS dentro do sistema de saúde brasileiro (Brasil, 2004; Brasil, 2005; Brasil, 2006).

Através das Conferências Nacionais de Saúde (CNS) o movimento se fortaleceu, principalmente após a 8ª CNS, em 1986, que deliberou a introdução de “práticas alternativas” no sistema de saúde e a possibilidade de escolha sobre seu tratamento aos usuários do SUS. As PICS são legitimadas definitivamente em 2006, com a consolidação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), por meio das Portarias nº 971 de 03 de maio de 2006 e nº 1600 de 06 de julho de 2006

com a oferta inicial de acupuntura, homeopatia, plantas medicinais e fitoterapia (Brasil, 2006).

Posteriormente, com a publicação da Portaria nº 849 de 27 de março de 2017, a oferta se ampliou, sendo incluídas 14 novas práticas, sendo elas a arteterapia, ayurveda, biodança, dança circular, meditação, musicoterapia, naturopatia, osteopatia, quiropraxia, reflexoterapia, reiki, shantala, Terapia Comunitária Integrativa e yoga (Brasil, 2018a). Mais tarde, a PNPIC passa por mais uma atualização com a Portaria nº 702, com a integração de mais 10 recursos terapêuticos, dentre eles a aromaterapia, constelação familiar, imposição de mãos, medicina antroposófica/antroposofia aplicada à saúde e terapia de florais (Brasil, 2018b). Atualmente, são ofertadas 29 práticas reconhecidas pela PNPIC, de forma gratuita por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) e o principal local de oferta é na Atenção Primária à Saúde (APS) (Brasil, 2020).

A inserção dessas práticas no sistema de saúde conversa diretamente com a premissa de integralidade do cuidado do SUS e propõe uma reforma na maneira de cuidar, que hoje se encontra fortemente atrelada à visão biomédica que valoriza a doença, a utilização de medicamentos e alta tecnologia (Damasceno, & Barreto, 2020). As PICS se articulam além do triângulo tratar-prevenir-promover na saúde e se afirmam como uma forma de impulsionar a participação ativa do sujeito em seu cuidado e de construir novas formas de praticar e cuidar da saúde (Telesi Júnior, 2016).

Apesar disso, ainda existem fatores que dificultam a implementação concreta das PICS nas unidades de saúde brasileiras, sendo o desconhecimento e falta de capacitação dos profissionais uma das variáveis que contribui para a pouca oferta das práticas (Ruela et al., 2019). Somado a isso, o desinteresse e a falta de incentivo às capacitações por parte dos gestores também corroboram para o agravamento desse cenário, o que dificulta o acesso e o reconhecimento das PICS como ferramenta do cuidar (Soares et al., 2019).

Outro desafio a ser enfrentado a fim de garantir acesso às PICS aos usuários de saúde é o seu local de oferta. Seguindo o que é preconizado pela PNPIC, a maioria dos atendimentos com as práticas acontece na APS e apenas 4% ocorre na Atenção Terciária ou de Alta Complexidade (Diogo, 2021). Desse modo, o ambiente hospitalar continua a perpetuar o modelo biomédico em saúde, o que fragmenta o cuidado holístico proposto pelas PICS dentro da perspectiva da Rede de Atenção à Saúde (RAS). Entretanto, observa-se que o modelo hospitalar não tem sido capaz de tratar o ser humano em toda sua complexidade, o que implica na necessidade da inserção das práticas nesse ambiente a fim de fornecer um cuidado integral (Melo, Santana, Santos & Alvim, 2013).

Ao considerar as PICS dentro do contexto hospitalar, expande-se o potencial terapêutico não-farmacológico nesse ambiente. Um estudo realizado no Egito identificou que poucos profissionais de enfermagem de cuidados intensivos realizavam medidas não-farmacológicas para o controle da dor dos pacientes. As intervenções realizadas pelos enfermeiros consistiam em mudança de posição e oferecimento de ferramentas de conforto. A limitação das ações em saúde que poderiam ser feitas para a diminuição da dor é decorrente da falta de conhecimento e de tempo, além da carga horária exaustiva (Khalil, 2018). Diante disso, observa-se como o conhecimento sobre as PICS poderia ampliar o potencial das intervenções dos profissionais e os empoderar no cuidado em saúde.

Tendo isso em vista, o objetivo dessa pesquisa é descrever a percepção dos profissionais de um Hospital Universitário, no interior de Sergipe, acerca do uso das Práticas Integrativas e Complementares.

2. Método

Trata-se de uma pesquisa observacional de caráter descritivo, abordagem quantitativa e recorte transversal realizada entre agosto de 2020 e julho de 2021 em um Hospital Universitário, localizado no interior de Sergipe. Optou-se por esse tipo de estudo, também chamado de estudo de prevalência, para poder traçar um perfil sociodemográfico e de conhecimento, além de avaliar a situação da implementação das PICS no hospital e possibilidade de aplicabilidade a partir da perspectiva de cada indivíduo (Romanowski, Castro, & Neris, 2019).

Em Sergipe, 33 municípios utilizam as Práticas Integrativas e Complementares (PICs) no tratamento de pacientes do SUS, dentre eles Lagarto, com diversas ações. O município de Lagarto está se tornando referência quando se fala em Práticas Integrativas na região pois já oferece à população em algumas unidades básicas, em um ambulatório de práticas integrativas no Centro de Simulações da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e em uma Sala de Cuidados, também na UFS, que disponibiliza tratamentos como o reiki, massagem e auriculoterapia e são oferecidos diversos cursos de extensão sobre as práticas na UFS em parceria com o Movimento Popular de Saúde de Sergipe (MOPS-SE).

A pesquisa foi realizada com os profissionais de saúde atuantes de um hospital universitário. Foram adotados como critério de inclusão: ser profissional da área da saúde que trabalha na instituição selecionada para o estudo e aceitar participar da pesquisa. Os critérios de exclusão foram: estar de férias ou em licença saúde no momento da coleta.

A coleta ocorreu por meio de um questionário auto-aplicado, adaptado de Thiago & Tesser (2011) com questões referentes à caracterização sociodemográfica, conhecimento e percepção dos profissionais de saúde a respeito das PICS.

Os dados foram tabulados no software IBM® SPSS – Statistical Package for the Social Sciences (SPSS 20.0 Mac, SPSS Inc., Chicago, Illinois, EUA). Foi feita a análise descritiva, por meio de frequências absolutas e percentuais de todas as variáveis envolvidas no estudo. Em seguida, foram elaboradas tabelas com o intuito de analisar os dados, o que possibilitou traçar uma descrição da realidade da população de estudo além da frequência.

Após essa etapa, foi realizada a análise bivariada para identificação das associações das variáveis dependentes com as demais variáveis independentes. Foi utilizado o teste do qui-quadrado e teste exato de Fisher, quando cabível. Considerou-se associação significativa entre as variáveis estudadas quando $p < 0,05$ (Thiago & Tesser, 2011).

A análise de associação foi realizada entre as variáveis desfecho: “interesse dos profissionais pelas PICS” e “opinião quanto à inclusão das PICS no SUS” e as variáveis independentes: sexo, idade, graduação, pós-graduação, tempo de formado, possuir ou não filhos (apenas para a variável “interesse por PICS”), tempo de trabalho no SUS, oferta de alguma PICS no serviço em que trabalha e uso individual de PICS (auriculoterapia, massoterapia ou reiki) e pela família.

A pesquisa foi regida sob aspectos éticos definidos pela Resolução nº 466/12 do Ministério da Saúde, tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Sergipe, com o seguinte nº do parecer 4.179.929. Ademais, os participantes que aceitaram participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e foram informados sobre o objetivo da pesquisa e sobre o risco para sua saúde, sendo esses mínimos relacionados ao incômodo pelo tempo de resposta dos instrumentos, invasão de privacidade e responder a questões sensíveis. Para minimizar estes riscos foram tomadas as seguintes precauções: minimizar desconfortos, garantir local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras e assegurar a confidencialidade e a privacidade no acesso das informações obtidas pelos questionários e/ou prontuário.

3. Resultados e Discussão

Participaram da pesquisa 109 profissionais da área da saúde que atuavam no Hospital Universitário: 7 (6,4%) eram médicos, 55 (50,5%) enfermeiros, 16 (14,7%) técnicos de enfermagem, 9 (8,3%) fisioterapeutas, 2 (1,8%) terapeutas ocupacionais, 1 (0,9%) atua nos Serviço Social e 12 de outras profissões (11%). A idade variou entre 23 a 59 anos.

Referente às questões econômicas e familiares, a maioria dos entrevistados reside em moradia própria (61,5%), com três a quatro pessoas (47,7%). Observou-se que 24 (22,0%) da amostra possui renda familiar maior que três salários-mínimos, enquanto 42 (38,5%) da amostra possuem renda familiar maior que cinco salários-mínimos.

Os resultados apresentados acima dos participantes do estudo em relação às variáveis sociodemográficas encontram-se na Tabela 1.

Tabela 1 – Descrição dos participantes da pesquisa em relação às variáveis sociodemográficas, Lagarto-SE, 2021.

Variáveis	n	%
Idade		
23 a 29 anos	18	16,5
30 a 39 anos	46	42,2
40 a 49 anos	15	13,8
50 a 59 anos	4	3,7
Não respondeu	26	23,9
Sexo		
Masculino	86	78,9
Feminino	21	19,3
Não respondeu	2	1,8
Procedência		
Rural	5	4,6
Urbano	98	89,9
Não respondeu	6	5,5
Formação		
Enfermagem	55	50,5
Medicina	7	6,4
Fisioterapia	9	8,3
Serviço Social	1	0,9
Terapia Ocupacional	2	1,8
Técnico de Enfermagem	16	14,7
Outro	12	11,0
Não se aplica	7	6,4
Estado Civil		
Solteiro	40	36,7
Casado	39	35,8
União Estável	15	13,8
Divorciado/Separado	12	11,0
Não respondeu	3	2,8
Moradia		
Própria	67	61,5
Alugada	38	34,9

Cedida	2	1,8
Não respondeu	2	1,8
Renda Familiar		
> 1 salário-mínimo e \leq 2 salários-mínimos	9	8,3
> 2 salários-mínimos e \leq 3 salários-mínimos	19	17,4
> 3 salários-mínimos \leq 4 salários-mínimos	24	22,0
> 4 salários-mínimos \leq 5 salários-mínimos	11	10,1
> 5 salários-mínimos	42	38,5
Não respondeu	4	3,7
Religião		
Não tem	9	8,37
Católica	67	61,5
Evangélica	27	24,8
Espírita	2	1,8
Outra	2	1,8
Não respondeu	2	1,8
Pessoas residentes no domicílio		
até 2 pessoas	43	39,4
3 a 4 pessoas	52	47,7
5 ou mais pessoas	8	7,3
Não respondeu	6	5,5
Raça/cor da pele		
Branca	20	18,3
Amarela	4	3,7
Parda	67	61,5
Preta	15	13,8
Não respondeu	3	2,7
Possui alguma doença?		
Sim	20	18,3
Não	87	79,8
Não respondeu	2	1,8

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores (2021).

As mudanças no atendimento através da inserção das PICS rompem tabus na assistência ao paciente e mostra novas formas do profissional adquirir aptidão e se adaptar para ofertar os cuidados no contexto hospitalar. Ao traçar comparações com

alguns realizados em outras localidades no Brasil, como o de Iozzi et al. (2018) e Gontijo & Nunes (2017), percebem-se diferenças no perfil sociodemográfico dos profissionais, uma vez que os autores destacam a prevalência de profissionais do sexo feminino na área da saúde enquanto, no presente estudo, o sexo que prevaleceu foi o masculino (78,9%). Houve também diferença na idade da amostra entre os estudos citados, que prevalecem a faixa etária de 20 a 29 anos, e o atual estudo, maior participação de indivíduos na faixa etária de 30 a 39 anos. Apesar da faixa etária predominante ser diferente entre os estudos, percebe-se que a média de idades das duas pesquisas se encontram na faixa dos 33-36, o que converge com a idade predominante dos profissionais dessa pesquisa.

Em relação ao conhecimento e percepção pessoal dos profissionais de saúde, observou-se que 78,9% conhecem as práticas. Apesar disso, apenas 33% afirmaram conhecer a PNPIC, o que demonstra uma fragilidade para a implementação das PICS dentro do serviço (Tabela 2). O desconhecimento da PNPIC já foi apontado por Gontijo & Nunes (2017), em um estudo que identificou que apenas 16,1% dos profissionais de saúde conheciam a política, o que põe em questão o quanto efetiva vem sendo a formação em saúde desses profissionais a respeito das políticas nacionais de saúde pública.

Quanto ao uso das PICS, 44,0% dos participantes relataram ter feito uso de alguma prática durante a vida. Desses, apenas 6,4% participantes afirmaram sempre utilizar, enquanto 18,3% fizeram uso eventual e 19,3% raramente utilizam as práticas no cuidado de sua saúde. Apenas 5,5% participantes afirmaram não acreditar nos efeitos terapêuticos das PICS, enquanto 84,4% da amostra relata acreditar.

O uso das PICS de forma pontual, sem constância, está ligado à visão biomédica que trata as questões de saúde apenas em seu caráter de emergência. Dessa forma, os 19,3% e os 18,3% dos profissionais que fazem uso raramente e eventualmente, respectivamente, não estão seguindo de fato o que é preconizado pelo cuidado holístico e integral. Enfatiza-se que a oferta e uso pontual das práticas não condiz com a proposta de integralidade e cuidado voltado às individualidades das PICS. Esse comportamento pode auxiliar no processo de sensibilização para o uso das práticas, mas dificulta a visualização destas como uma ferramenta completa de cuidar.

Tabela 2 – Descrição dos participantes da pesquisa em relação às variáveis ‘conhecimento e percepção pessoal’ acerca das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde. Lagarto, 2021.

Variáveis	N	%
Conhece as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde?		
Sim	86	78,9
Não	19	17,4
Não respondeu	4	3,7
Conhece a Política Nacional das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde?		
Sim	36	33,0
Não	66	60,6
Não respondeu	7	6,4
Já utilizou as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde?		
Sim	48	44,0
Não	56	51,4
Não respondeu	5	4,6

Com que frequência utiliza as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde?

Sempre	7	6,4
Eventualmente	20	18,3
Raramente	21	19,3
Nunca	46	42,2
Não respondeu	15	13,8

Você acredita nos efeitos terapêuticos das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde?

Sim	92	84,4
Não	6	5,5
Não respondeu	11	10,1

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores (2021).

No que se refere ao conhecimento e percepção profissional dos participantes, 86,2% concordam com a implantação das PICS no serviço hospitalar e 78,9% nunca utilizaram as PICS profissionalmente. Observou-se que muitos profissionais apresentavam curiosidade em relação às PICS, sendo que 36,7% gostariam de conhecer mais das práticas e 25,7% gostariam de participar de uma capacitação.

O nível de concordância para oferta das práticas no serviço, de interesse em realizar capacitação e de acreditar em seus efeitos terapêuticos infere uma atitude positiva por parte dos profissionais frente às PICS. Assim, é possível afirmar que as barreiras para a implantação não estão em fatores intrínsecos de percepção e crença dos profissionais, como observado também por Brewer, Turrise, Kim-Godwin & Pond (2019), mas em fatores extrínsecos como da educação e do conhecimento.

Em relação a indicação, questionou-se diretamente sobre a massoterapia, auriculoterapia, aromaterapia e reiki, uma vez que são as práticas mais ofertadas nos serviços de saúde do município em questão. Dessa forma, observou-se que 84,4% indicam as PICS para os familiares e 68,8% indicam ou já indicaram alguma das práticas para paciente ou amigo. Ainda, percebeu-se que a massoterapia é a prática mais recomendada dentre os entrevistados, tendo sido recomendada quatro vezes ou mais por 23,9% da amostra. O reiki foi a prática menos recomendada, visto que 79,8% dos profissionais nunca fizeram recomendação aos seus pacientes, seguido da aromaterapia (78,9%).

A não recomendação das práticas pode estar ligada à falta de experiência profissional com essas, pois causa um sentimento de insegurança e a não familiaridade, naturalmente. Um estudo realizado no Mato Grosso com profissionais da APS fortalece essa hipótese e ressalta a importância do contato com as PICS na rotina de atendimento desses profissionais para que seja possível visualizar os efeitos das práticas e aumentar a confiança para a recomendação de seu uso (Araújo & Mattos, 2021).

Tabela 3 – Descrição dos participantes da pesquisa em relação às variáveis conhecimento e percepção profissional acerca das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde. Lagarto, 2021.

Variáveis	N	%
Concorda com a implantação das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde neste serviço?		
Sim	94	86,2
Não	3	2,8
Não respondeu	12	11,0
Você indica as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde aos seus familiares?		
Sim	92	84,4
Não	10	9,2
Não respondeu	7	6,4
Você indica, ou já indicou, as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde a algum paciente ou amigo?		
Sim	75	68,8
Não	27	24,8
Não respondeu	7	6,4
Você já aplicou alguma das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde?		
Sim	11	10,1
Não	86	78,9
Não respondeu	12	11,0
Você tem interesse em realizar capacitação ou formação na área das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde?		
Nenhum interesse	12	11,0
Pouca curiosidade	17	15,6
Gostaria de conhecer mais a respeito	40	36,7
Gostaria de participar de capacitação ou realizar formação na área	28	25,7
Não respondeu	12	11,0
Você já recomendou auriculoterapia para pacientes?		
Nenhuma vez	76	69,7
1 a 3 vezes	17	15,6
4 vezes ou mais	4	3,7
Não respondeu	12	11,0
Você já recomendou reiki para pacientes?		
Nenhuma vez	87	79,8
1 a 3 vezes	7	6,4
4 vezes ou mais	4	3,7
Não respondeu	11	10,1

Você já recomendou massoterapia para pacientes?

Nenhuma vez	55	50,5
1 a 3 vezes	18	16,5
4 vezes ou mais	26	23,9
Não respondeu	10	9,2

Você já recomendou aromaterapia para pacientes?

Nenhuma vez	86	78,9
1 a 3 vezes	7	6,4
4 vezes ou mais	6	5,5
Não respondeu	10	9,2

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores (2021).

Ao analisar a associação entre as variáveis, observou-se que houve associação significativa entre o interesse em realizar capacitação ou formação em PICS e o fato de indicar ou já ter indicado as PICS a algum paciente ou amigo ($p=0,041$) (Tabela 4).

Um resultado que chama atenção é o interesse de 80% dos participantes que não acreditam nos efeitos terapêuticos das PICS em participar de uma capacitação, assim como os 68,8% que nunca utilizaram as práticas. Isso demonstra como a percepção e o uso pessoal podem estar dissociados da percepção profissional, o que impulsiona a implementação das PICS nos serviços de saúde, visto que os profissionais não irão evitar recomendar o uso das práticas em decorrência de crenças próprias.

Resultado que converge com esse dado foi discutido por Iozzi et al. (2018) ao identificar que apesar de 96,4% dos médicos de um hospital não fazerem uso pessoal da homeopatia e que, destes, 74% afirmaram que não fariam uso, 41% eram a favor da criação de um ambulatório homeopático no hospital, enquanto apenas 12% eram contra e 47% indiferentes. Diante disso, os autores enfatizam a importância da expansão das PICS para dentro das instituições de ensino superior da área de saúde para que se possa ampliar o número de profissionais especializados.

Tabela 4 – Associação entre interesse em realizar capacitação ou formação na área das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde e demais variáveis de estudo. Lagarto, 2021.

Variáveis	Interesse em realizar capacitação ou formação em PICS		P
	Sim	Não	
Idade			
23 a 29 anos	12 (70,6)	5 (29,4)	
30 a 39 anos	28 (68,3)	13 (31,7)	
40 a 49 anos	9 (75,0)	3 (25,0)	
50 a 59 anos	2 (50,0)	2 (50,0)	0,824
Sexo			
Masculino	56 (74,7)	19 (25,3)	

Feminino	12 (60,0)	8 (40,0)	0,264
Renda Familiar			
> 1 salário-mínimo e ≤2 salários-mínimos	5 (71,4)	2 (28,6)	
> 2 salários-mínimos e ≤ 3 salários-mínimos	12 (66,7)	6 (33,3)	
> 3 salários-mínimos ≤4 salários-mínimos	14 (73,7)	5 (26,3)	
> 4 salários-mínimos ≤5 salários-mínimos	11 (100,0)	0 (0,0)	
> 5 salários-mínimos	26 (65,0)	14 (35,0)	0,242
Não respondeu			
Religião			
Não tem	5 (55,6)	4 (44,4)	
Católica	42 (71,2)	17 (28,8)	
Evangélica	19 (76,0)	6 (24,0)	
Espírita	1 (50,0)	1 (50,0)	
Outra	1 (50,0)	1 (50,0)	0,712
Raça/cor da pele			
Branca	13 (68,4)	6 (31,6)	
Amarela	2 (50,0)	2 (50,0)	
Parda	44 (74,6)	15 (25,4)	
Preta	8 (57,1)	6 (42,9)	
Conhece a Política Nacional das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde?			
Sim	28 (82,4)	6 (17,6)	
Não	38 (64,4)	21 (35,6)	0,096
Já utilizou as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde?			
Sim	35 (74,5)	12 (25,5)	
Não	33 (68,8)	15 (31,3)	0,650
Com que frequência utiliza as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde?			
Sempre/Muitas vezes	5 (71,4)	2 (28,6)	
Eventualmente	17 (85,0)	3 (15,0)	
Raramente/Nunca	41 (67,2)	20 (32,8)	0,310
Você acredita nos efeitos terapêuticos das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde?			
Sim	61 (71,8)	24 (28,2)	
Não	4 (80,0)	1 (20,0)	1,000
Você indica as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde aos seus familiares?			
Sim	61 (70,1)	26 (29,9)	

Não	6 (66,7)	3 (33,3)	1,000
Você indica, ou já indicou, as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde a algum paciente ou amigo?			
Sim	54 (76,1)	17 (23,9)	
Não	13 (52,0)	12 (48,0)	0,041*

*Estatisticamente significativo a nível de 5% no teste Exato de Fisher. Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores (2021).

Em relação ao desfecho ‘concordância com a implantação das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde no ambiente hospitalar’ verifica-se que 98,9% dos entrevistados que concordam com a implantação desse tipo de atendimento indicam a seus familiares ($p=0,017$) e 100% indicam ou já indicaram a algum paciente ou amigo ($p=0,018$) (Tabela 5). Ainda, é possível observar que 100% dos profissionais que afirmaram conhecer a PNPIC concordam com a oferta das PICS no serviço, o que demonstra mais uma vez como o conhecimento acerca das práticas é um fator facilitador para a implementação dessas nas unidades de saúde.

Percebe-se, então, que um longo caminho ainda precisa ser percorrido no sentido de fortalecer a utilização das PICS no SUS, pois nessas terapias existe a possibilidade de intervenção em benefício da sociedade (Azevedo, Moura, Corrêa, Mata, Chaves & Chianca, 2019). Para tanto, é preciso uma extensão das estratégias educacionais com foco na totalidade das práticas terapêuticas, consequentemente aprimoramento e melhor entendimento do que se trata as PICS, com as seguintes ações: capacitações com carga horária maior; incentivo e apoio da gerência dos serviços de saúde para a realização da formação e disponibilidade de insumos para a implementação da prática. Ter esses profissionais aptos é oferecer à população melhorias em saúde (Silva, Barros, Barros, Teixeira, & Oliveira, 2021).

Frente ao que foi exposto, percebe-se que as PICS desempenham um importante papel na saúde das pessoas, em especial aos familiares dos profissionais, uma vez que atuam frente à promoção da saúde, prevenção de agravos e reabilitação. Através da sua institucionalização no SUS houve ampliação de acesso a serviços antes restritos à área privada, além de contribuir para o desenvolvimento de serviços humanizados, integrais e multidisciplinares, no entanto, precisa haver ampliação das mesmas. Ademais os enfermeiros são profissionais de destaque na implementação, utilização das PICS e possuem respaldo legal para a atuação em serviços públicos e privados (Azevedo et al., 2019).

A normalização é estabelecida pelo conselho federal de cada categoria profissional em relação à graduação em saúde. Os profissionais de enfermagem, maioria nesta pesquisa, são respaldados pelo Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) para o exercício das PICS pela resolução nº 0625/2020 (Conselho Federal de Enfermagem, 2020), que estabelece e reconhece Acupuntura como especialidade e/ou qualificação do profissional pela resolução, dentre outras especialidades nº 585/2018 (Conselho Federal de Enfermagem, 2018).

Tabela 5 – Associação entre as variáveis de estudo e a concordância com a implantação das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde no ambiente hospitalar. Lagarto, 2021.

Variáveis	Concorda com a implantação das PICS no ambiente hospitalar		
	Sim	Não	
Sexo			
Masculino	72 (96,0)	3 (4,0)	
Feminino	21 (100,0)	0 (0,0)	1,000
Renda Familiar			
> 1 salário-mínimo e ≤2 salários-mínimos	8 (100,0)	0 (0,0)	
> 2 salários-mínimos e ≤ 3 salários-mínimos	16 (88,9)	2 (11,1)	
> 3 salários-mínimos ≤4 salários-mínimos	18 (94,7)	1 (5,3)	
> 4 salários-mínimos ≤5 salários-mínimos	11 (100,0)	0 (0,0)	
> 5 salários-mínimos	39 (100,0)	0 (0,0)	0,208
Conhece a Política Nacional das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde?			
Sim	34 (100,0)	0 (0,0)	
Não	57 (96,6)	2 (3,4)	0,531
Já utilizou as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde?			
Sim	45 (100,0)	0 (0,0)	
Não	47 (94,0)	3 (6,0)	0,244
Com que frequência utiliza as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde?			
Sempre/Muitas vezes	7 (100,0)	0 (0,0)	
Eventualmente	18 (100,0)	0 (0,0)	
Raramente/Nunca	60 (96,8)	2 (3,2)	0,662
Você acredita nos efeitos terapêuticos das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde?			
Sim	83 (97,6)	2 (2,4)	
Não	5 (83,3)	1 (16,7)	0,187
Você indica as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde aos seus familiares?			
Sim	88 (98,9)	1 (1,1)	
Não	6 (75,0)	2 (25,0)	0,017*
Você indica, ou já indicou, as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde a algum paciente ou amigo?			
Sim	71 (100,0)	0 (0,0)	
Não	23 (88,5)	3 (11,5)	0,018*

*Estatisticamente significativo a nível de 5% no teste Exato de Fisher. Fonte: Dados da pesquisa. Elaborado pelos autores (2021).

Diversas são as adversidades com relação a implantação das PICS no sistema de saúde. A falta de apoio da gestão da instituição, falta de valorização das técnicas, falta de conhecimento sobre a PNPIC, falta de organização quanto ao espaço físico, favoritismo ao modelo biomédico pela gestão, falta de formação e qualificação dos profissionais sobre as PICS, além da falta de prioridade e investimentos financeiros nessa área são exemplos de fatores que dificultam a expansão da oferta das práticas (Ruela et al., 2019).

No ambiente hospitalar, essas adversidades são acrescidas de restrição de tempo em decorrência da falta de pessoal na equipe, políticas hospitalares que muitas vezes exigem solicitação médica para realização das PICS, além das exigências do paciente e familiares que exigem uma solução rápida para o seu quadro de saúde (Brewer et al., 2019).

Apesar dessas dificuldades, a percepção positiva dos profissionais é um fator facilitador para a implantação das PICS no serviço de saúde, sendo esse um ponto a ser fortalecido para expandir a oferta das práticas a partir da realização de capacitações e ações educativas com esses indivíduos, visto que essas atividades são ferramentas de forte potencial para mudança desse cenário (Aguiar et al., 2019).

4. Conclusão

No hospital em que foi realizada a pesquisa houve a predominância de profissionais com idade entre 30 e 39 anos, de cor parda, do sexo masculino, solteiros, católicos, residentes de zona urbana e em moradia própria com 3 a 4 pessoas, a maioria relata não ter doença.

Percebe-se que os profissionais de enfermagem se destacam pelo fato de serem a maioria dos participantes da pesquisa. Os resultados obtidos mostram uma percepção positiva dos profissionais de saúde em relação às PICS. Observa-se ainda que a maioria conhece as práticas, acreditam nos efeitos, concordam com a implantação, indicam ou já indicaram e gostariam de conhecer mais sobre as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde.

No entanto, muitos profissionais não possuem aperfeiçoamento ou capacitação na área e um número mínimo possui especialidade em alguma prática, além disso, muitos afirmam nunca ter utilizado as PICS em seus serviços. Isso pode ser em consequência à falta de estímulo para capacitações ou pouco contato com a área durante a graduação.

Apesar das adversidades características do ambiente hospitalar como altas demandas e fluxo rápido de atendimentos, que dificultam a expansão do olhar holístico e integral proposto pelas PICS, é importante ressaltar o treinamento e capacitação desses profissionais como forma de garantir o desenvolvimento de habilidades para aplicar as práticas no seu ambiente de trabalho. A inserção das práticas nesse contexto tem potencial para ampliação do leque terapêutico, o que contribui para o empoderamento desses profissionais.

Dessa forma, a partir dessa pesquisa, espera-se subsidiar a construção de programas que oficializem a formação em PICS para qualificá-los nos serviços de saúde, em especial na área hospitalar. Sugere-se, para próximos estudos, avaliar a percepção dos gestores sobre a oferta das capacitações e implantação das práticas nos serviços de saúde, uma vez que estes são fortes aliados para a elaboração de estratégias educativas e de capacitação.

Referências

- Aguiar, J., Kanan, L. A., & Masiero, A. V. (2020). Práticas Integrativas e Complementares na atenção básica em saúde: um estudo bibliométrico da produção brasileira. *Saúde em Debate*, 43, 1205-1218. <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/5NdGyWFCNsQPWZQmZymcqM/abstract/?lang=pt>
- Araújo, T. B., & Mattos, M. (2021). Conhecimentos de enfermeiros e médicos sobre a utilização das práticas integrativas e complementares na atenção primária à saúde. In: D. S. Leite & P. F. Silva (Orgs.). *Saúde Coletiva avanços e desafios para a integralidade do cuidado* (pp. 168-179). São Paulo: Científica Digital.
- Azevedo, C., Moura, C. D. C., Corrêa, H. P., Mata, L. R. F. D., Chaves, É. D. C. L., & Chianca, T. C. M. (2019). Complementary and integrative therapies in the scope of nursing: legal aspects and academic-assistance panorama. *Escola Anna Nery*, 23. <https://www.scielo.br/j/ean/a/zCtFNpfgPQpQvKHn9jVJpxD/abstract/?lang=en>

- Brasil. Ministério da Saúde. (2004). 1º Fórum Nacional de Homeopatia A Homeopatia que Queremos Implantar no SUS [Internet]. Brasília, DF. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lis-12185>
- Brasil. Ministério da Saúde. (2005). Política Nacional de Medicina Natural e Práticas Complementares PMNPC. Ministério da Saúde. Brasília, DF. <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ResumoExecutivoMedNatPratComp11402052.pdf>
- Brasil. Ministério da Saúde. (2006). Portaria 971, de 06 de maio de 2006: Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC). Brasília, DF. https://www.cff.org.br/userfiles/38%20-%20BRASIL_%20MINIST%20C%20R%20RIO%20DA%20SA%20C%20A%20DE_%20Portaria%20n%C2%BA%20971,%20de%2003%20de%20maio%20de%202006_.pdf
- Brasil. Ministério da Saúde. (2018a). Glossário temático: práticas integrativas e complementares em saúde. Brasília: Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília, DF.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2018b). Portaria Nº 702, de 21 de março de 2018. Altera a Portaria de Consolidação no 2/GM/MS, de 28 de setembro de 2017, para incluir novas práticas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares – PNPIC. Brasília, DF.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2020). Departamento de Atenção Básica. Biblioteca Virtual em Saúde para as PICs. Brasília, DF. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf
- Brewer, N. J., Turrise, S. L., Kim-Godwin, Y. S., & Pond, R. S. (2019). Nurses' Knowledge and Treatment Beliefs: Use of Complementary and Alternative Medicine for Pain Management. *Journal of Holistic Nursing*, 089801011882221. doi:10.1177/0898010118822212
- Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). (2018). Resolução COFEN N o 585/2018. Estabelece e reconhece a acupuntura como especialidade e/ou qualificação do profissional de Enfermagem. Brasília, DF: COFEN. [http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-585-2018_64784.html#:~:text=RESOLVE%3A-,Art..a\)%20realizar%20pr%C3%A1ticas%20de%20Acupuntura.](http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-585-2018_64784.html#:~:text=RESOLVE%3A-,Art..a)%20realizar%20pr%C3%A1ticas%20de%20Acupuntura.)
- Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). (2020). Resolução 625 de 09 de março de 2020: Altera a resolução Cofen 581 de 11 de julho de 2018, que atualiza, no âmbito do Sistema Cofen/Conselhos Regionais de Enfermagem, os procedimentos para Registro de Títulos de Pós-Graduação Lato e Stricto Sensu concedido a Enfermeiros e aprova lista de especialidades. Brasília, DF: COFEN. http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-625-2020_77687.html#:~:text=Alter%20a%20Resolu%C3%A7%C3%A3o%20Cofen%20n%C2%BA,aprova%20a%20lista%20das%20especialidades.
- Damasceno, C. M. D., & Barreto, A. F. (2020). Cuidado além da biomedicina: práticas integrativas e complementares para pacientes e acompanhantes do Hospital Universitário Da Univasf (HU-UNIVASF). *Brazilian Journal of Health Review*, 3(2), 3478-3485. <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n2-179>
- Diogo, G. P. (2021). A importância da implantação de práticas integrativas e complementares (PICs) em contextos hospitalares: uma revisão de literatura voltada a acupuntura. Trabalho de conclusão de curso de especialização, Instituto Lauro de Souza Lima, Bauru, SP, Brasil. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1150988>
- Gontijo, M. B. A., & Nunes, M. D. F. (2017). Práticas integrativas e complementares: conhecimento e credibilidade de profissionais do serviço público de saúde. *Trabalho, Educação e Saúde*, 15, 301-320. <https://www.scielo.br/j/tes/a/zq6d5V4fFXMVz7n9qsSeffG/abstract/?lang=pt>
- Iozzi, G. M., da Silva, R. I., Homsani, F. H., Oliveira, A. P., Capella, M. A. M., & Holandino, C. (2018). A aceitação da terapia homeopática em hospitais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *VITTALLE-Revista de Ciências da Saúde*, 30(1), 25-35. <https://periodicos.furg.br/vitalle/article/view/7435>
- Khalil, N. S. (2018). Critical care nurses' use of non-pharmacological pain management methods in Egypt. *Applied Nursing Research*, 44, 33-38. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30389057/>
- Melo, S. C. C., Santana, R. G., Santos, D. C., & Alvim, N. A. T. (2013). Práticas complementares de saúde e os desafios de sua aplicabilidade no hospital: visão de enfermeiros. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 66(6), 840-846. <https://www.scielo.br/j/reben/a/3YZ8t5nq9h39JsR7BP98TDn/abstract/?lang=pt>
- Romanowski, F. N. A., Castro, M. B., & Neris, N. W. (2019). Manual de tipos de estudo. Produção técnica, Programa de Pós-Graduação em Odontologia, Centro Universitário de Anápolis. Anápolis, Brasil.
- Ruela, L. D. O., Moura, C. D. C., Gradim, C. V. C., Stefanello, J., Iunes, D. H., & Prado, R. R. D. (2019). Implementação, acesso e uso das práticas integrativas e complementares no sistema único de saúde: Revisão da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24, 4239-4250. <https://www.scielo.br/j/csc/a/DQgMHT3WqyFkYNX4rRzX74J/?lang=pt>
- Silva, P. H. B. D., Barros, L. C. N. D., Barros, N. F. D., Teixeira, R. A. G., & Oliveira, E. S. F. D. (2021). Formação profissional em Práticas Integrativas e Complementares: o sentido atribuído por trabalhadores da Atenção Primária à Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26, 399-408. <https://www.scielo.br/j/csc/a/bMPPrN3XpzGh9mDjVmrXMGGN/?lang=pt>
- Soares, D. P., Coelho, A. M., Silva, L. E. A. D., Silva, R. D. J. R. D., Linard, L. L. P., & Fernandes, M. C. (2019). Fatores intervenientes das práticas integrativas e complementares em saúde na Atenção Básica pelos enfermeiros. *Rev. enferm. atenção saúde*, 93-102. <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/enfer/article/view/3544>
- Telesi Júnior, E. (2016). Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. *Estudos Avançados*, 30(86), 99-112. <https://www.scielo.br/j/ea/a/gRhPHsV58g3RrGgJYHJQVTn/abstract/?lang=pt>
- Thiago, S. D. C. S., & Tesser, C. D. (2011). Percepção de médicos e enfermeiros da Estratégia de Saúde da Família sobre terapias complementares. *Revista de Saúde Pública*, 45, 249-257. <https://www.scielo.br/j/rsp/a/kdVsv7VFgVQPsmwgN3GBR5Yz/abstract/?lang=pt&format=html>